

Alto rendimento e/ou superação? Os sentidos de jogos e atletas paralímpicos no jornal Folha de S.Paulo

High performance and/or overcoming? The meanings of games and Paralympic athletes in the Folha de S.Paulo newspaper

Clevisvaldo Pinheiro Lima

Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Buscamos com esse trabalho, sob a perspectiva teórico-metodológica da análise de discurso materialista, fundamentado em autores como Michel Pêcheux e Eni Orlandi, analisar o discurso sobre os atletas paralímpicos e sobre os Jogos paralímpicos de verão a partir da cobertura desse evento pelo jornal Folha de S. Paulo, a fim de compreender o modo como as Paralimpíadas e os atletas paralímpicos são discursivizados nesse periódico. Para tanto, tomamos como corpus de análise as matérias da Folha acerca dos Jogos Paralímpicos de Atenas- 2004, Pequim-2008, Londres-2012, Rio-2016 e Tóquio-2020. A partir da análise dos recortes, pudemos explicitar o modo como o discurso sobre os atletas paralímpicos e sobre as Paralimpíadas que circulam no jornal Folha de S.Paulo, atravessados por um discurso econômico, (re)atualizam pré-construídos que significam os Jogos não como um evento esportivo de alto rendimento, mas como um evento de superação da deficiência. Nesse modo de significação, os atletas paralímpicos não seriam atletas de alta performance, mas exemplos exitosos de pessoas com deficiência que superaram, pelo esporte, as limitações impostas no/por seus corpos.

PALAVRAS-CHAVE

Paralimpíadas; Atletas paralímpicos; Pré-construído; Pessoa com deficiência

ABSTRACT

With this work, from the theoretical-methodological perspective of materialist discourse analysis, and based on authors such as Michel Pêcheux and Eni Orlandi, we seek to analyze the discourse on Paralympic athletes and the Summer Paralympic Games from the coverage of this event by the newspaper Folha de S. Paulo, in order to understand how the Paralympics and Paralympic athletes are discursive in/by this journal. For that, we took as corpus of analysis the articles from/in Folha about the Paralympic Games in Athens-2004, Beijing-2008, London-2012, Rio-2016 and Tokyo-2020. From the analysis of the clippings, we were able to explain how the discourse on Paralympic athletes and the Paralympics that circulate in/by the Folha de

Clevisvaldo Pinheiro Lima

Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Membro do projeto de pesquisa Imagens da Cidade: Discurso e Produção de Conhecimento (LABEURB/ UNICAMP/FAPESP). E-mail: klevislina@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8907-9998>

Recebido em:
09/06/2022

Aceito em:
13/04/2023

JAN / ABR 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 35-49

S.Paulo newspaper, crossed by an economic discourse, (re)update pre-constructed that mean the Games not as a high-performance sporting event, but as an overcoming disability event. In/through this mode of meaning, Paralympic athletes would not be high performance athletes, but successful examples of people with disabilities who have overcome, through sport, the limitations imposed on/by their bodies.

KEYWORDS

Paralympics; Paralympic athletes; Pre-built; Person with a disability

1. Introdução

Os Jogos Paralímpicos surgiram em 1948, sob o nome de Stoke Mandeville Games, um festival esportivo destinado aos veteranos de guerra e civis paraplégicos afetados pelos combates da II Guerra mundial. Os jogos ocorriam na área do hospital inglês Stoke Mandeville, daí o nome que recebeu, tendo sido uma iniciativa do médico neurocirurgião Ludwig Gutmann (BAILEY, 2008).

Embora os discursos atualmente produzidos e que circulam sobre os jogos ocorram, em geral, a partir do lugar do esporte, considerando as paralimpíadas como um evento esportivo de alto rendimento, o expoente máximo do desporto adaptado com números crescentes de países, de atletas e de modalidades praticadas a cada edição, as paralimpíadas foram inicialmente significadas por um outro discurso, o da terapia, da reabilitação.

O cenário político-econômico do século XX exigia que os militares e civis afetados pela guerra fossem o quanto antes devolvidos “para a escola, para a fábrica ou para o escritório” (MOULIN, 2011, p. 17). Nessas condições de produção, os Jogos Paralímpicos seriam instrumentos de reabilitação cujo objetivo seria demonstrar que pessoas com deficiência poderiam, pelo esporte, ser (re)socializadas, capazes de (voltar a) ocupar postos (de trabalho) na sociedade. Nessa esteira, os atletas paralímpicos seriam exemplos bem-sucedidos (inspiradores?) desse processo de “reeducação”.

Sendo este o caso, seria possível dizer que este modo de compreender os jogos paralímpicos e os atletas paralímpicos reverberam efeitos no modo como estes são atualmente noticiados? Outrossim, considerando que a forma-sujeito capitalista é a forma sujeito histórica de nossa sociedade, o que implica que as relações sociais se produzem numa divisão e numa hierarquização “face ao sentido e ao modo de significar o sujeito” (ORLANDI, 2015, p. 189), que efeitos de sentido são produzidos pelas notícias sobre os atletas e os jogos paralímpicos? Para (tentar) responder a essas questões fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico da análise de discurso materialista e tomamos como corpus de análise as matérias do jornal Folha de São Paulo sobre as Paralimpíadas de verão de Atenas-2004, Pequim-2008, Londres-2012, Rio-2016, e Tóquio-2020.

Salientamos que a decisão por trabalhar com este periódico, embora tome como ponto de partida algumas questões de ordem empírica, fundamentou-se essencialmente por questões teóricas. Empiricamente, a escolha do jornal Folha de S. Paulo em detrimento de outros periódicos se justificava, para nós, por se tratar de um periódico de circulação nacional; ser o jornal de maior circulação média do país (considerando o impresso e

o digital) e possuir um acervo digital; ser o jornal brasileiro com o maior número de seguidores da América Latina no Twitter, de acordo com a Associação Nacional dos Jornais (ANJ)¹, o jornal diário brasileiro de circulação nacional com o maior número de seguidores no Instagram, com 3 milhões de seguidores², e o maior jornal da América Latina, 13º no mundo, em número de assinaturas digitais, segundo o ranqueamento realizado pela rede de mídia global FIPP³.

No que concerne às questões de ordem teórica, consideramos o modo como o próprio jornal diz de si, naquilo que Indursky (2017) chamou de autopublicidade. A Folha (2018, p. 22) se autodenomina um jornal “crítico, apartidário e pluralista”, que tem como propósito “condensar o que ocorre de relevante para um público interessado em informação, opinião e análise”. Ainda segundo este periódico, “o jornalismo praticado pela Folha concentra-se em temas de informação geral e de interesse público, traduzidos em conteúdo útil e compreensível para o maior número de pessoas”. Além disso, ao mesmo tempo em que afirma que emite (pode emitir) sua própria opinião sobre “os temas mais relevantes”, a Folha afirma que “as posições que assume não tutelam a cobertura noticiosa” (FOLHA, 2018, p. 22). Afirmação que vai de encontro ao que observa Indursky (2017, p. 85), quando afirma que “as mídias tradicionais, para produzir um efeito de verdade, jogam com uma seletividade entre o que pode e o que não deve ser publicado”.

Como sabemos, é característico do discurso jornalístico atuar na institucionalização social dos sentidos, “realizando uma espécie de catalogação do real” (MARIANI, 2007, p.199), determinando (ou tentando determinar) o que e como o leitor deve ler. Nesse sentido, e considerando, ainda, a afirmação da Folha de que sua prática jornalística se concentra na busca por notícias “que tenham relevância, alcance, originalidade, dimensão histórica ou institucional e que desperte curiosidade legítima” (FOLHA, 2018, p. 19), questionamos se as Paralimpíadas se apresentariam enquanto um tema relevante e de interesse público para a Folha e se as notícias sobre esses jogos figurariam entre aquelas que o jornal considera como conteúdo útil. Em outras palavras, nosso objetivo toma forma e direção em compreender o modo como os Jogos Paralímpicos e os atletas paralímpicos são discursivizados pelo jornal Folha de S. Paulo.

2. O corpo diferente e as paralimpíadas

Os jogos paralímpicos, assim como os jogos olímpicos, ocorrem a cada quatro anos em uma cidade-sede previamente definida. No ano de 2001, o Comitê Olímpico Internacional – COI e o *International Paralympic Committee* – IPC (Comitê Paralímpico Internacional) assinaram um acordo indicando

1 <https://www.anj.org.br/site/relatorios-de-atividade/73-jornal-anj-online/22261-jornais-brasileiros-estao-entre-as-maiores-audiencias-de-diarios-da-america-latina-nas-redes-sociais.html>

2 <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/03/folha-alcanca-3-milhoes-de-seguidores-no-instagram.shtml>

3 https://d1ri6y1vinkzt0.cloudfront.net/media/documents/FIPP_2019_GDS_Report.pdf

que a organização de ambos os jogos deveria ser compartilhada, “não só no uso dos equipamentos, mas no planejamento e nas ações, além de condicionar a cidade postulante aos Jogos em organizar ambos os eventos” (PARSONS; WINCKLER, 2012, p. 07).

A edição de 2016, XV edição dos jogos paralímpicos de verão, ocorreu no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Foi a primeira vez que este evento ocorreu na América Latina. Quando de sua abertura, um jornalista português, em sua página pessoal do facebook, fez a seguinte postagem:

Imagem 1: recorte de uma postagem da rede social Facebook



Fonte: Print Screen tirado pelo autor da rede social Facebook em 10.06.2020

Essa postagem foi incorporada a um artigo de coluna semanal do caderno de esportes do jornal Folha de S. Paulo, publicado em 10 de setembro de 2016. Este artigo discute a abertura dos jogos paralímpicos (que ocorreram três dias antes, em 07.09.2016) e a importância da realização de um evento como este no Brasil para suscitar nos brasileiros uma discussão mais efetiva sobre a inclusão (ou a falta dela) e sobre as necessidades e dificuldades vivenciadas pelas pessoas portadoras de necessidades especiais em seu cotidiano. O jornal, no entanto, faz uma ressalva: “há preconceitos entranhados em nossa sociedade que não mudam por causa de momentos espetaculares como de um atleta cego saltando muitos metros ou uma mulher linda como Amy Purdy sambando com suas pernas biônicas”. É como endosso a essa ressalva que o jornal traz à baila a fala do jornalista português, supracitada.

Considerando que os efeitos de sentido produzidos por um determinado dizer mudam de acordo com suas condições de produção, é por sua circulação na Folha que empreendemos nosso olhar analítico sobre esse dizer em questão. Contudo, poremos esse recorte momentaneamente em suspenso e iniciaremos a escuta discursiva de nosso material de análise pela ressalva feita pelo jornal:

Recorte 1 (R1) ‘há preconceitos entranhados em nossa sociedade que não mudam por causa de momentos espetaculares como de um atleta cego saltando muitos metros ou uma mulher linda como Amy Purdy sambando com suas pernas biônicas’ (FOLHA, esporte, 10.09.2016).

Para lidar com as formulações que derivam deste enunciado, observando que sentidos se mantêm no espaço do dizível e que sentidos se deslocam, deslizam, produzindo outros sentidos, recorreremos à elaboração de paráfrases, um procedimento analítico que consiste em produzir diferentes possibilidades de formulação, buscando indícios, marcas linguístico-discursivas, alusivas ao processo de produção de sentidos.

A elaboração de paráfrases, como assevera Costa (2014, p. 106), “per-

mite que observemos, a partir do contraste de formulações remetidas à sua exterioridade constitutiva, que efeitos são provocados pelo enunciado”. A formulação de paráfrases nos permite, ainda, empreender uma leitura que desfaz a homogeneidade imaginária, produzida pelo efeito de linearidade da sintaxe de um determinado enunciado recuperando naquilo que se está dizendo (o intradiscurso) aquilo que já foi dito e que constitui o dizer (o interdiscurso).

E isso se dá na medida em que podemos, pela substituição de uma palavra, expressão ou proposição, produzir diferentes formulações que possibilitam explicitar que sentidos se “aproximam e se afastam. Confundem-se e se distinguem” (ORLANDI, 2008, p. 48). Como ressalta Orlandi (2008), é mediante os jogos de paráfrases que os processos de produção de sentidos são encontrados. Desse modo, para dar visibilidade às articulações desse recorte propomos a seguinte fragmentação por paráfrases:

Paráfrase 1

(P1) Há preconceitos em nossa sociedade que não mudam.

(P2) Há preconceitos em nossa sociedade que não mudam por causa de momentos espetaculares.

(P3) Ser um atleta cego e saltar muitos metros é um momento espetacular.

(P4) Ser uma mulher linda sambando com pernas biônicas é um momento espetacular.

Considerando as paráfrases (P1) e (P2), temos que: “X não muda por causa de Y”, sendo X “preconceitos em nossa sociedade” e Y “momentos espetaculares”. Se substituirmos, por um deslizamento metafórico, a locução prepositiva “**por causa de**” pela locução prepositiva “**devido a**”, na paráfrase (P2), temos:

(P5) - X não muda devido a Y

Por essa paráfrase, é possível observar um dizer que afirma que preconceitos em nossa sociedade não mudam em virtude de momentos espetaculares. Dito de outro modo, poderíamos perguntar: são os momentos espetaculares que impedem que preconceitos em nossa sociedade mudem? Considerando as condições de produção de R1, isto é, textualidade de um artigo de jornal sobre a abertura dos jogos paralímpicos e sua importância para discussões de problemáticas, segundo a matéria, inerentes às pessoas portadoras de necessidades especiais, é possível entender “preconceitos em nossa sociedade” como preconceitos acerca das pessoas com necessidades especiais. Desta forma, temos:

(P6) Há preconceitos em nossa sociedade sobre as pessoas com deficiência que não mudam mesmo em momentos espetaculares.

Em (P3) e (P4) no discurso da Folha se produz a significação daquilo que se considera como um momento espetacular: saltar muitos metros sendo um atleta cego, conseguir sambar sendo uma mulher biamputada usuária de próteses biônicas. Um momento espetacular seria, portanto, ter um corpo significado como “corpo com deficiência” e executar uma ação incomum e/ou inesperada (no/pelo imaginário social) para aquele corpo.

Por esse entendimento, assim como (P3) e (P4), outros recortes de matérias da/na Folha sobre as Paralimpíadas e sobre os atletas paralímpicos são marcados por esta regularidade, a repetição de “momentos espetaculares”:

(R2) **um chinês sem braços e sem pernas** se lança em uma piscina e vai contorcendo seu valoroso “resto de corpo” em busca **de percorrer 100 ou 200 metros na água** (FOLHA, esporte, 07.09.2016).

(R3) **um canadense do tiro com arco usando os dedos dos pés para puxar a corda que levará a flecha rumo ao alvo** (FOLHA, esporte, 07.09.2016).

(R4) E o que dizer da hora em que **corredores sem as pernas, equilibrando-se em próteses de carbono “xyz” tomam posição em suas raiais no estádio?** (FOLHA, esporte, 07.09.2016).

(R5) Eu mesma fiquei maravilhada ao ver **atletas nadando borboleta com apenas um braço** (FOLHA, esporte, 17.09.2016).

(R6) **jogadores que, em cadeiras de rodas, se movimentando freneticamente em uma quadra, arremessando e acertando bolas em um cesto tão alto que parecia estar em uma altura inatingível** (FOLHA, esporte – Tóquio 2020, 23. 08. 2021).

(R7) **um jovem cego**, em sua estreia em Paraolimpíadas, **atravessar uma piscina em velocidade** tão **alucinante** que não teve para ninguém: venceu e nos encheu de orgulho. (FOLHA, esporte – Tóquio 2020, 02. 09. 2021).

Os recortes acima também apresentam corpos executando ações que podem ser consideradas espetaculares devido justamente à especificidade do corpo do atleta em sua diferença. Parece que, no caso dos atletas paralímpicos, não é apenas o feito esportivo, a conquista de uma medalha ou de um recorde que “maravilha” (R5), que “deixa sem palavras” (R4) e que “enche de orgulho” (R7), mas o fato de que essa medalha ou esse recorde foi alcançado por um atleta cujo corpo é diferente. O caráter esportivo seria, assim, sobreposto pelo desempenho de um corpo diferente. Isso parece ficar explicitado quando comparamos notícias da Folha sobre os feitos dos atletas olímpicos e dos atletas paralímpicos:

(R8) Na estratégia e no esforço pessoal, Arthur Zanetti ganha o ouro nas argolas, a primeira medalha na ginástica do Brasil na História (FOLHA, Londres 2012, D1, 07.08.2012).

(R9) Thiago Braz, 22, bate recorde olímpico e leva 1º ouro masculino do país no atletismo desde 1984 (FOLHA, Rio 2016, B4, 16.08.2016).

(R10) Alan Fonteles, **que é biamputado**, derrotou Oscar Pistórius na prova de 200m e conquistou a medalha de ouro na Inglaterra (FOLHA, esporte, D5, 03.09.2012).

(R11) Laureado com seis ouros em Londres-2012, o atleta [Daniel Dias], **que nada sem uma das pernas e apenas parte dos dois braços, pois nasceu com uma má-formação**, tem chance de ganhar outras sete premiações máximas nos jogos (FOLHA, Rio 2016 paraolimpíada, B10, 09.09.2016).

Os recortes R8 e R9 noticiam os resultados obtidos pelos atletas Arthur Zanetti e Thiago Braz, nas olimpíadas de Londres-2012 e Rio-2016, respectivamente. Zanetti foi campeão olímpico na prova de Argolas, uma das provas da ginástica artística, e Thiago Braz foi campeão olímpico na prova de salto com vara, uma prova do atletismo. Os recortes R10 e R11, por sua vez, noticiam as conquistas obtidas pelos atletas paralímpicos Alan Fonteles e Daniel Dias nos jogos paralímpicos de Londres-2012 e Rio-2016.

Assim como Arthur Zanetti e Thiago Braz, Alan Fonteles e Daniel Dias também foram medalhistas de ouro em seus respectivos esportes: atletismo e natação.

Entretanto, enquanto nas notícias sobre as conquistas dos atletas olímpicos questões sobre seus corpos ficam silenciadas (por serem irrelevantes à matéria?), nas notícias sobre as conquistas dos atletas paralímpicos elas aparecem dividindo espaço com informações sobre seus corpos: “que é biamputado” (R10), “que nada sem uma das pernas e apenas parte dos dois braços” (R11) e sobre o modo como estes corpos passaram a se constituir enquanto corpos diferentes: “pois nasceu com uma má-formação” (R11). Essa é uma regularidade presente nas matérias sobre as Paralimpíadas.

Em uma matéria do caderno de esportes da Folha, página B12, do dia 17 de setembro de 2016, em que são tecidas algumas críticas sobre o modo como se dá a cobertura dos eventos esportivos, em especial dos jogos paralímpicos, a ausência desta informação, isto é, da diferença no/do corpo dos atletas, nas notícias sobre os jogos e/ou sobre os atletas paralímpicos, é apontada enquanto uma falha jornalística:

(R12) muitas vezes faltou informar o telespectador que aquele atleta tinha esta ou aquela deficiência. [...] Essa pessoa [que] parece que não tem nenhum “problema”, o que ela tem? (FOLHA, esporte, B12, 17.09.2016).

Quando se trata dos Jogos Paralímpicos, parece que não basta noticiar sobre a conquista do atleta, sobre o feito esportivo alcançado, como comumente ocorre nas notícias sobre os jogos olímpicos, é preciso noticiar a diferença do/no corpo deste atleta e, em muitos casos, o modo como ela foi constituída. De igual modo, o atleta paralímpico não pode parecer “normal”, isto é, “que não tem nenhum problema” é preciso que a diferença que o constitui enquanto uma “pessoa com deficiência” seja visível ao olhar.

Nesse sentido, ser um atleta paralímpico é, apesar de possuir um “resto de corpo”, não ter braços ou pernas (R2); ter apenas um braço (R5); ser cego (R7); ter somente uma das pernas e apenas parte dos dois braços (R11), se lançar em uma piscina e nadar. É, apesar de não ter os braços, usar os pés para puxar o arco que disparam as flechas (R3). É, apesar de não ter pernas, disputar uma corrida (R4). É, apesar de estar em uma cadeira de rodas, jogar basquete e se movimentar freneticamente pela quadra. É, apesar de ser biamputado, participar de uma prova de atletismo (R10).

O funcionamento desse “**apesar de**” possibilita depreender que não se espera que pessoas com corpos diferentes “nadem em uma piscina”, “corram em uma pista de atletismo” ou “joguem em uma quadra”, enfim, não se espera que esses sujeitos pratiquem esportes. Nessa esteira, o atleta paralímpico é individuado como aquele que desempenha atividades inesperadas (“que pareciam intangíveis” R6) ao corpo que possui. A fim de avançarmos nessa discussão, retornemos ao recorte que havíamos posto em suspenso: a fala do jornalista português posta em circulação pela Folha:

(R13) só eu a achar que os Jogos Paraolímpicos são um espetáculo grotesco, um número de circo para gáudio dos que não possuem deficiência, apenas para preencher a agenda do politicamente correto? (Folha de S. Paulo, esporte B13. 10.09.2016).

Chamamos atenção, inicialmente, para o modo como os jogos paralímpicos são significados nesta formulação por uma definição. Define-se:

(P7) – Os Jogos Paralímpicos são um espetáculo grotesco.

(P8) – Os Jogos Paralímpicos são um número de circo.

Mariani (1998) afirma que a produção de definições e explicações sobre um determinado acontecimento é uma das formas de funcionamento do *discurso sobre*. A autora ressalta que esta modalidade de discurso atua na institucionalização dos sentidos, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória e “representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento” (Idem, p. 60). Neste lugar de autoridade, “as palavras utilizadas são do campo semântico da certeza: não diz “talvez”; diz sempre “é” (VENTURINI, 2009, p. 77).

Além disso, é por estar investido de poder pelo lugar de onde fala que o dizer do sujeito enunciador se legitima e ganha credibilidade. Desse modo, considerando a mídia um lugar de circulação e de (re)produção de sentidos, entendemos que ao pôr em outra circulação este enunciado retirado de um perfil particular de uma rede social, a Folha de S. Paulo o incorpora e lhe confere legitimidade, tornando-o um dizer possível de ser dito e mostrado pela imprensa.

Nessa esteira, ao considerarmos o modo como os jogos paraolímpicos são definidos neste recorte: como “espetáculo grotesco” e “número de circo”, vemos a maneira como o interdiscurso, na forma de pré-construído, comparece no processo discursivo por uma definição dos jogos, isto é, o já-dito sobre as pessoas com deficiência e sobre o seu corpo vai se formulando no/por essas definições no qual as paralimpíadas poderiam ser equiparadas aos *freak shows* (Courtine, 2011) e aos *zoos humanos* (Lobo, 2015), eventos de exposição do corpo “anormal” que reestabelece a curiosidade de um olhar outrora recalcado.

Por esse modo de compreensão, interdita-se a possibilidade de significar os jogos paralímpicos enquanto um evento esportivo e, conseqüentemente aqueles que participam dos jogos enquanto atletas. A negação do caráter esportivo das paralimpíadas, embora ausente do intradiscurso deste recorte, é constitutiva de sua textualização como podemos observar pela paráfrase:

(P9) – Os Jogos Paralímpicos não são um espetáculo esportivo.

Trata-se de um espetáculo, mas não do tipo esportivo, instrumento simbólico-político da sociedade capitalista, cuja exibição consagra o esportista, cria ídolos e faz funcionar um imaginário de saúde, desenvolvimento e progresso, mas um espetáculo tal qual o universo do divertimento popular dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX, cuja exposição de corpos “anormais” servia como fonte de entretenimento e diversão. Um discurso “sobre”, instituído na memória discursiva ecoa, portanto, neste recorte. Observa-se, então, uma retomada uma série de já-ditos que impossibilita ao corpo diferente ser significado como o corpo de um atleta.

3. O sentido de Paralimpíada e de atleta paralímpico atravessado por um discurso econômico

Chamamos atenção, mais uma vez, para o modo como pela definição o “já-lá”, isto é, os pré-construídos sobre os atletas paralímpicos (e sobre as pessoas com deficiência) são (re)atualizados. Mariani (1998) afirma que o uso de definições é um dos aspectos característicos do discurso jornalístico. Não se trata, no entanto, de acordo com a autora, de uma definição de palavras, metalinguística, característica dos dicionários, mas de uma definição que “produz um efeito de ilusão referencial” (MARIANI, 1998, p. 146) que “produz uma imagem ou representação da ‘coisa’ que está sendo referida com aquela palavra” (MARIANI, 1998, p. 146).

Ainda de acordo com Mariani (1998), ao buscar promover consensos “em torno do que seria a verdade de um evento” (p. 145), o discurso jornalístico assume um caráter didático, pedagógico. Nesse sentido, construções do tipo “X é ...” são comuns e contribuem para a constituição do imaginário social e para a cristalização dos sentidos acerca da temática abordada, ao mesmo tempo em que reforçam a ilusão do caráter puramente informativo do jornal. No que concerne às notícias sobre os jogos e os atletas paralímpicos, essa construção “X é ...”, mostra-se regular quando se trata de definir, nomear e, conseqüentemente, significar as pessoas com deficiência e os atletas paralímpicos. Vejamos:

(R14) “Portadores de deficiência são como a gente, alguns muito mais capazes” (FOLHA, esporte, B11, 04.04.2015).

(R15) “Pessoas com deficiência são aptas a fazer tudo” (FOLHA, esporte, B12, 17.09.2016).

(R16) “Deficientes físicos são só diferentes e conseguem feitos tão ou mais incríveis que pessoas ‘normais’” (FOLHA, esporte, B11, 03.09.2016).

(R17) “Não são coitadinhos” (FOLHA, esporte, B10, 02.09.2016).

(R18) “Para-atletas não são super-heróis” (FOLHA, esporte, B12 17.09.2016).

Sobre as condições imediatas de produção dos recortes acima, temos que: o recorte R14 foi extraído de uma coluna semanal do caderno de esportes, numa matéria publicada cerca de um ano e meio da ocorrência das Paralimpíadas Rio-2016 e que discute a falta de visibilidade e a invisibilização dos atletas paralímpicos. Ao longo dessa matéria, o jornalista chama atenção para a ocorrência dos jogos paralímpicos e questiona se a cidade do Rio de Janeiro e a população brasileira estarão prontas para sediar este evento.

Os recortes R15 e R18 também são oriundos de uma matéria da coluna semanal do caderno de esportes. Esta matéria, posta em circulação no penúltimo dia de ocorrência dos jogos paralímpicos do Rio-2016, discorre sobre o modo como se deu a cobertura dos jogos paralímpicos. R16, por sua vez, foi recortado de uma matéria do caderno de esportes, publicada uma semana antes do início dos jogos do Rio e trata da organização da cerimônia de abertura das paralimpíadas. O recorte R17, por fim, é oriundo de uma matéria da coluna semanal de esportes da Folha, publicado uma semana antes do início dos jogos Rio-2016. Esta apresenta alguns atletas paralímpicos e seus resultados esportivos numa comparação com resultados olímpicos e/ou de atletas olímpicos.

Como mencionamos, em todos os recortes (de R14 a R18) a formulação dos enunciados se dá por uma construção do tipo “x é ...” ou por sua negação: “x não é ...”, sendo “x” as pessoas com deficiência/os atletas paralímpicos. Parece haver nessa tentativa em afirmar o que os sujeitos, cujos corpos são diferentes, são (bem como o que eles não são) uma tentativa do jornal de afastar e denegar um determinado modo de significar esses sujeitos oriundos de um exterior, de um “discurso do outro” (INDURSKY, 2013). Indursky (2013), por um estudo discursivo da negação, explicita o modo como a presença do “discurso do outro” figura no interior de seu *corpus* de análise produzindo efeitos de sentido. De acordo com a autora, “o funcionamento discursivo da negação mostra como o sujeito desse discurso relaciona-se com os demais lugares sociais” (INDURSKY, 2013, p. 265).

Nesse estudo, Indursky (2013, p. 264) afirma que “quando o sujeito do discurso pode e deve dizer o que diz a partir de seu lugar social, ele o faz por uma predicação afirmativa, identificando seu dizer com o saber da FD que o afeta”. Por outro lado, quando este faz uma predicação negativa, esta pode caracterizar três diferentes tipos de operações de negação discursiva: uma negação externa, uma negação interna ou uma negação mista. À nossa análise interessa o que a autora propõe sobre o funcionamento da negação externa. Segundo ela, a negação externa “incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva (FD) adversa. Assim, essa modalidade estabelece fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos” (INDURSKY, 2013, p. 264).

Este estudo desenvolvido por Indursky (2013) nos permite observar a ocorrência de uma denegação a um discurso exterior, um discurso do outro, que aparece como um pré-construído no discurso jornalístico sobre os atletas paralímpicos (e sobre as pessoas com deficiência). O modo como os atletas paralímpicos e as pessoas com deficiência são definidos nos referidos recortes se constrói por uma relação de antítese, por uma tentativa de exclusão, de interdição de sentidos outros acerca desses sujeitos. Se transformarmos, por paráfrases, os recortes afirmativos em negativos e os recortes negativos em afirmativos, temos:

P10 – Portadores de deficiência **não** são como a gente, **não** são capazes.

P11 – Pessoas com deficiência **não** são aptas.

P12 – Deficientes físicos **não** são só diferentes. **Não** conseguem feitos como pessoas “normais”

P13 – **São** coitadinhos

P14 – Para-atletas **são** super-heróis”

Ainda que não apareçam textualizados nos recortes, pelas paráfrases torna-se possível dar forma aos não-ditos, aos enunciados pré-construídos sobre os sujeitos, cujos corpos são diferentes, neles recalçados. P10, P11 e P12 apontam tanto para uma “anormalidade” (“não são como a gente”, “não são só diferentes”) quanto para uma incapacidade (“não são capazes”, “não são aptas”, “não conseguem feitos como pessoas “normais”) desses sujeitos que os recortes R14, R15 e R16 procuram negar. Como salienta Indursky (2013, p. 269), “o escopo da negação é o discurso do outro”. Contudo, prossegue a autora, para negar o discurso do outro é preciso incorporá-lo, enquanto um não-dito, de seu discurso. Há entre o dito (a formulação) e o

não-dito (o pré-construído) um efeito de complementaridade.

Tem-se, então, que os pré-construídos “não-ditos” nos recortes lhes são constitutivos. Como assevera Indursky (2013, p. 271), para constituir-se e subsistir, a afirmação da/na Folha precisa manter-se na função de “falsificador” do discurso-outro. Deste modo, ao mesmo tempo em que procura negar, refutar, pelo estabelecimento de definições, certos pré-construídos sobre os atletas paralímpicos e sobre as pessoas com deficiência, os recortes promovem um efeito de atualização desses discursos.

Diríamos, ademais, que além desse efeito de atualização de já-ditos sobre as pessoas com deficiência que, por sua vez, fazem com que a configuração significativa de atleta seja elidida, apagada, há nesses recortes, sob a modalidade do discurso transversal (PÊCHEUX, 2014), o atravessamento de um discurso econômico, capitalista, na medida em que o jornal se preocupa em atestar a capacidade, a eficiência e a aptidão dos atletas paralímpicos (e, por um efeito metafórico, das pessoas com deficiência.).

Se considerarmos que é no e pelo modo de produção capitalista que se pressupõe um ideal de corpo e de sujeito produtivo, o sentido de deficiência (e de “pessoa deficiente”) adviria da incapacidade do indivíduo em ocupar um papel produtivo na sociedade⁴. O que implicaria numa necessidade de reabilitação (“normalização” ou “normatização”) desses sujeitos (e de seus corpos). Assim, paradoxalmente, seria também por essa formação social que se estabeleceriam as condições necessárias para que estes sujeitos deixem de ser significados como dotados de corpos sem utilidade para serem significados como detentores de corpos úteis, “aptos” (R15), “capazes” (R14), às vezes “mais incríveis que pessoas “normais” (R16). De acordo com Lobo (2015):

[os] corpos considerados anormais, indisciplinados e incapazes para o trabalho ganharam com o sistema de produção industrial nova serventia – fizeram surgir novas técnicas de prevenção, reprodução e recuperação da potência para o trabalho. Afinal, o novo trabalhador não era mais um corpo natural, nascido para o trabalho, como o escravo – era preciso minimamente educá-lo e sempre que possível preservá-lo ou recuperá-lo. Tornou-se necessário, pois, desenvolver técnicas e promover estabelecimentos que pudessem transformar os anormais de perigos, de fardos, de *non valeurs*... em indivíduos inócuos, em forças úteis e, enfim, em operários prestados a si mesmos, à família e à Pátria (LOBO, 2015, p. 231, grifo do autor).

Ao nosso ver, esse discurso econômico que atravessa os recortes R14, R15 e R16 e essa necessidade em denegar os pré-construídos evidenciados pelas paráfrases P10, P11 e P12 produz ainda um efeito de condição para que as pessoas com deficiência, atletas ou não, sejam “aceitos” e considerados “normais”, conforme explicitado nas paráfrases que se seguem:

P15 - Pessoas com deficiência são aptas se fizerem tudo (que faz uma pessoa sem deficiência);

P16- Deficientes físicos devem conseguir realizar feitos tão mais incríveis que pessoas “normais” (sem deficiência);

P17 - Portadores de deficiência para serem como a gente, precisam ser muito mais capazes.

4 Por essa lógica, a deficiência é significada enquanto uma questão individual e não social. Não seria responsabilidade do sistema capitalista que o sujeito não se adeque ao seu modo de produção e não consiga ser útil, mas do próprio indivíduo.

Para serem incluídas socialmente, as pessoas com deficiência devem conseguir desempenhar não apenas as mesmas atividades que aqueles considerados “normais”, como também fazer a mais. A deficiência pode ser vista, mas do ponto de vista da produtividade deve passar despercebida. Em outras palavras, no/pelo discurso econômico, uma pessoa com deficiência deve ser capaz de “apagar” sua deficiência por sua eficiência, ou seja, por sua capacidade de se adequar à sociedade capitalista, “como se a sociedade capitalista fosse a da oportunidade” (COSTA, 2014, p. 98).

Acreditamos que é por este funcionamento que a afirmação em R17 (“não são coitadinhos”) procura interditar o funcionamento do pré-construído explicitado pela paráfrase P13 (“são coitadinhos”). Como salienta Indursky (2013, p. 270), esse pré-construído configura-se em “um contrário ao qual é preciso contrapor-se”. Embora em um discurso “*de*” afirmação de que as pessoas com deficiência não são coitadinhos seja uma questão de ordem⁵, por este discurso “*sobre*” os sujeitos diferentes não são coitadinhos, porque a eles é dada a mesma oportunidade, bastando ao sujeito, sendo ele constituído ou não por uma diferença, “estudar, trabalhar, ser competente, disciplinado [e] ter boa vontade para conquistar seu lugar (ao sol)” (COSTA, 2014, p. 98).

Quando voltado especificamente aos atletas paralímpicos, esse pré-construído apontado pela paráfrase P13 (“são coitadinhos”) diz ainda de um modo de significar o esporte paralímpico e o atleta paralímpico por um discurso de comiseração. A partir deste lugar discursivo, as paralimpíadas significam enquanto um evento de inclusão social e o atleta paralímpico enquanto um “símbolo de superação”, aquele que “heroicamente”, de forma extraordinária, “superou”, pelo esporte, as barreiras e as adversidades ocasionadas por sua “deficiência”. O foco central dos jogos estaria na “deficiência” (e no esforço do atleta em superá-la) e não no esporte ou no desempenho do atleta. As marcas do/no corpo do atleta se sobrepõem às questões esportivas. Este não-dito que funciona no/pelo dito acerca dos jogos em R17 também comparece em R18, como explicita a paráfrase P14 (“para-atletas são super-heróis”).

A partir desse modo de significar os jogos e seus competidores, os atletas paralímpicos não são atletas de alto rendimento, mas “símbolos de superação”, exemplos de indivíduos que, apesar das adversidades, “superaram” a “deficiência”. A negação explícita em R17 e em R18 a esse modo de significar os jogos e os atletas paralímpicos apontados pelas paráfrases P13 e P14 estabelece, consoante Indursky (2013), uma fronteira entre o discurso da/na Folha e o discurso do outro, o pré-construído, “uma fronteira entre contrários que se excluem” (INDURSKY, 2013, p. 269). Ao afirmar que os atletas paralímpicos (e as pessoas com deficiência) “não são coitadinhos” e “não são super-heróis” procura-se interditar o funcionamento dos modos de significação apontados pelas paráfrases supracitadas, no entanto esses

5 Crespo (2009) ao estudar a história do movimento social das pessoas com um traço de diferença marcado em seu corpo no Brasil ressalta que esse modo de significar esses sujeitos sempre esteve entre as principais lutas do movimento. Entre os recortes apresentados pela autora temos: “uma coisa realmente era uníssona: a gente não queria aquele papel de coitadinho. Isso alimentou todas as nossas atividades, nossas ações” (CRESPO, 2009, p. 124).

modos de significar tais sujeitos continuam ressoando, tensionando e produzindo efeitos de sentido na e pelas definições dos sujeitos diferentes postas em circulação pelo jornal.

4. Considerações finais

A análise dos recortes apresentados ao longo desse artigo explicitam o modo como o atravessamento de um discurso econômico (capitalista) nos discursos sobre as Paralimpíadas contribuem com o engendramento e a fixação de pré-construídos que significam o esporte paralímpico como um evento de natureza inclusiva e de (re)habilitação interditando sua significação como um desporto de alta performance, como seriam os esportes olímpicos. Nessa esteira, os desportistas paralímpicos tampouco seriam atletas (como são aqueles que participam das olimpíadas e/ou de esportes olímpicos), mas pessoas em processo de (re)habilitação, de superação das limitações impostas no/pelo seu corpo. A individuação desses sujeitos como atletas é barrada de ser significada.

Como vimos, há, no próprio modo como os Jogos Paralímpicos e os atletas paralímpicos são definidos, uma sobredeterminação de pessoas com deficiência sobre atletas. Não se trata de um evento reservado aos melhores atletas paralímpicos do mundo, mas de uma competição para pessoas com deficiência. Os Jogos Paralímpicos são assim determinados pela condição de deficiência física. Nesse sentido, o que importa não é a busca por um resultado ou por uma medalha, mas celebrar a superação (do corpo? das limitações?) e o poder de transformação dos esportes (pelos esportes). Quanto aos desportistas paralímpicos, estes são considerados como “vencedores” e “exemplos ao mundo” por aquilo que fazem. E o que eles fazem? Primeiro, eles fazem aquilo que deles não se espera.

Não se espera que eles nadem, corram, joguem, lutem etc., não se espera, principalmente, que eles façam isso melhor que muitas pessoas sem deficiência, não atletas. Observemos, então, que é justamente por se colocarem num evento esportivo, por se exporem, com seus corpos ditos diferentes, realizando atividades que deles não se esperam, que seriam “vencedores” e “exemplos ao mundo”, que causariam admiração e emoção naqueles que lhes assistem.

Acreditamos, outrossim, que é por esta exposição de corpos diferente realizando atividades inesperadas que uma outra direção de sentidos acerca dos atletas paralímpicos se produz, a saber, a de que eles são um “modelo” de sujeito a ser seguido por aqueles que também têm seus corpos constituídos por uma diferença, mas que não são atletas. Nessa direção de sentidos, as pessoas com deficiência, não atletas, devem, tal qual os atletas paralímpicos, recusar uma perspectiva caritativa da deficiência e se esforçar para exibir suas capacidades e habilidades.

Referências

BAILEY, Steve. **Athlete first**: a history of the paralympic movement. John Wiley & Sons, Ltd, England, 2008

COSTA, Grciely Cristina da. Discursividades de inclusão e a manutenção da exclusão. IN: FERREIRA, Eliana Lucia; ORLANDI, Eni. P. **Discursos sobre a inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: As mutações do olhar: o século XX**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CRESPO, Ana Maria Morales. **Da invisibilidade à construção da própria cidadania: os obstáculos, as estratégias e as conquistas do movimento social das pessoas com deficiência no Brasil, através das histórias de vida de seus líderes**. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2009.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual de redação**. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas, São Paulo: ED. UNICAMP, 2013.

INDURSKY, Freda. O movimento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. IN: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (Org.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

LOBO, Lilian Ferreira. **Os infames da História: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: ED. UNICAMP, 1998.

MARIANI, Bethania. Imprensa, produção de sentidos e ética. In: RIBEIRO, Ana Paula Gomes; FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MEDEIROS, Caciane Souza de. **Sociedade da imagem: a (re)produção de sentidos da mídia do espetáculo**. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2013.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: As mutações do olhar: o século XX**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORLANDI, E. Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa. Rua, v. 2, n. 21, p. 187-198, nov., 2015.

ORLANDI, Eni. P. **Terra à vista**: discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2. Ed. Campinas, SP: ED UNICAMP, 2008.

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. Esporte e a pessoa com deficiência: Contexto Histórico. In: MELLO, Marco Túlio; WINCKLER, Ciro. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do obvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: ED. UNICAMP, 2014.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.